



PROSEANDO COM...

Aziz Ab'Saber é um dos mais respeitados pensadores do Brasil. Nascido em 1924, O professor se formou em Geografia e História na Universidade de São Paulo se especializando em Geomorfologia; os trabalhos realizados neste campo proporcionaram grandes contribuições à Geografia e o tornou um dos mais importantes geógrafos do nosso país. Viajante por profissão conhece como poucos o Brasil e tem sempre muitas histórias para nos contar. Conheça alguns pontos de vista dele sobre a Geografia e um pouco da sua história de vida em entrevista concedida à Olhares & Trilhas.

(Novembro de 1999)

Pensando sobre a produção e socialização do conhecimento.

Ao contrário do que a mídia pensa e age, o problema do conhecimento é colocado em primeiro lugar nas revistas. Por isso mesmo eu gostaria de fazer um elogio à iniciativa de vocês de fazer uma revista dedicada ao ensino de Geografia. A gente tem uma idéia do que seja realmente o valor e a importância do conhecimento geográfico no ensino fundamental e médio.

Desde muito cedo na minha vida eu dediquei grande atenção às revistas. O primeiro artigo que eu publiquei foi na revista do Grêmio da Faculdade de Filosofia, num momento em que havia uma exacerbação na produção de conhecimento das Faculdades de Direito, pelas quais, aliás, tenho um grande apreço. Nós, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, recém fundadas na Universidade

de São Paulo em 1934 e o Grêmio, éramos muito ativos.

As primeiras pessoas formadas na Faculdade tinham uma certa maturidade e incentivaram a produção de artigos nas mais variadas áreas. Estes artigos eram aceitos para serem colocados na pequena revista do Grêmio. Isso não foi bem entendido pelos outros componentes da Universidade, achavam estranho aparecer um artigo sobre Geomorfologia, um tipo de área que ninguém conhecia bem naquela época, dando a impressão que era só tratamento sobre rochas e outras coisas.

Foi difícil inserir a Geografia naquela revista. Logo depois, em 1939, foi fundada a Revista Brasileira de Geografia. Esta revista abriu as portas para a inserção de artigos e trabalhos de grande importância para o conhecimento geográfico do país. Aí apareceram trabalhos importantes como os de De Martonne, elaborados durante o período de 1939-1945, que eram

uma preciosidade, resultados de sua pesquisa na Serra do Mar, Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo.

Em dois números da Revista Francesa *Analyse de Géographie*, que até hoje é uma revista muito importante, De Martonne publicou *Problème de géomorphologie du Brésil tropicale atlantique*. Aliás, foi a primeira vez que se entrou com uma nomenclatura para essa faixa de relevo bastante diferenciado: tabuleiros no Nordeste, mares de morros no Sudeste e outros. Daí por diante essa revista publicou temas notáveis em diversas áreas, tudo muito científico, em linguagem científica, sem sofisticções. Isto é muito importante na história desta revista.

Depois veio o professor Francis Jordan que publicou um trabalho notável sobre a Baía de Guanabara, a qual não havia sido estudada anteriormente. Esta revista incluiu tipos e aspectos da Geografia que constituem um setor mais ou menos

permanente com colaboração de diferentes personalidades. Nesta revista está um grande rol de conhecimento para o ensino da Geografia do Brasil. As teorizações não chegaram a ser muito importantes no decorrer de toda esta trajetória da Revista Brasileira de Geografia, mas em compensação a parte analítica foi muito séria.

Por volta de 1948, incentivada pela presença da Revista Brasileira de Geografia, surgiu em São Paulo uma revista com orientação bastante definida e com espírito de seleção muito bom, o *Boletim Paulista de Geografia*. Essa nova revista cresceu muito, publicada três vezes por ano. Nela, os paulistas puderam exercer a sua produção, havendo uma certa diversificação com colaboração de Geografia Humana, Regional e Geomorfologia. Tivemos a sorte de contar com a colaboração de gente muito séria, como o professor Fernando Marques de Almeida, um dos homens que mais conheceu o

oeste do Mato Grosso e o pantanal mato-grossense, elaborou sínteses muito boas a respeito daquilo que chamávamos de escudos do Brasil e que os franceses chamaram de plataforma brasileira. Eu também fiz as minhas primeiras colaborações desde os primeiros números desta revista.

Incentivado por essas primeiras revistas eu tentei organizar na Universidade Católica de Campinas, hoje PUC, na ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia realizado em 1956 no Rio de Janeiro, uma revista que se chamou Notícias Geomorfológicas. Essa era totalmente diferente do Boletim Paulista de Geografia porque se interessava por informações sobre trabalhos no Brasil e de qualquer parte do mundo e ao mesmo tempo, realizava crítica sobre esses trabalhos. Muita gente não entendeu, porque a crítica não estava na ordem do dia naquela época. Nessa revista, logo de início, eu consegui traduzir todas

as idéias e textos que os alemães e franceses publicaram sobre o Itatiaia. Eu tinha dirigido, por eventualidade, durante um congresso, uma excursão para os interessados em conhecer as altas montanhas do Brasil-Sudeste, onde existia dúvida se havia ou não período de glaciação naquela área, desde os trabalhos pioneiros de De Martonne.

Conduzi a Revista Notícias Geomorfológicas desde o número um até o número doze. Em 1959/1960, fui trabalhar na Escola de Geologia de Porto Alegre, saindo pela primeira vez de São Paulo. Depois que fiz o meu doutorado em 1956, fiquei um pouco mais conhecido e eles me convidaram para ministrar Geomorfologia no Rio Grande do Sul. Uma situação bastante complicada porque a Geomorfologia era dada por Geólogos, e eles só se interessavam por Geomorfologia até o nível de interesse dos mapas de Geologia econômica e coisas desse

tipo. Nessa missão eu pude perceber que os Geólogos não tinham o nosso jeito de ser. Eles deixaram muita contribuição sobretudo na área de fotografias aéreas, foi interessante a inserção das técnicas de interpretação, da chamada foto-interpretação, foto Geologia nesse momento. A pessoa que assumiu a revista nunca mais se entendeu comigo, ele apropriou-se da revista e esqueceu do fundador e do espírito da fundação. A revista passou a ter vários modismos, entre eles a fase da Geografia Quantitativa.

Depois disso organizei, quando estive na direção do Instituto de Geografia da USP (1969), uma série de publicações de muito interesse ao ensino e para os estudos básicos na Universidade. Eu organizei uma série de publicações em forma de pequenas separatas, dedicadas às Ciências da Terra, Geografia Agrária, Geografia Urbana e sobretudo uma acabou tendo repercussão internacional

porque era novidade o tratamento daquelas coisas que ela trazia: a de Paleoclima. O Instituto já tinha uma revista chamada Orientação que era uma edição mais nobre (capa, tamanho), que nós não conseguimos manter. A mudança da revista para a publicação de plaquetes, gerou muita confusão. Quando deixei o Instituto eles voltaram a fazer alguns números da revista que, aliás, é muito boa, só que como se dividiu demais em séries especializadas, não havia colaboração para a revista, isso é apenas uma explicação.

Depois fui para São José do Rio Preto, em 1979. Minha família que era do Rio Grande do Sul, não sabia que Rio Preto era tão longe e que seria tão complicada a vinda para ser diretor e continuar trabalhando no Instituto de Geografia, que fiquei de 1969 a 1982. Um tempo muito longo que, talvez, represente o meu trabalho principal embora o mais difícil por causa dos confrontos de grupos e também

uma espécie de raiva particular em relação à Geografia Física. O problema era trabalhar muito na Geografia Humana, esse é o assunto fundamental que eu quero tratar mais adiante com vocês: o problema da Física e da Humana. Em Rio Preto, repeti a façanha do Instituto, foi façanha pelo seguinte: todo professor de Rio Preto gostava de ter durante o ano, alguns milhares de folhas de papel sulfite para fazer as famosas "sebentas". Sebenta era uma espécie de texto mais ligeiro que traduzia um pouco o curso, é a apostila de hoje, se chamava sebenta porque ele usava sempre. Chamei os professores e disse: eu fiz uma análise do volume de papel que vocês pedem para fazer sebentas e achei um absurdo total, vamos criar uma série de plaquetes especializada, vocês fazem um trabalho mais aprimorado com bibliografia em cada área e com isso passam a ter um trabalho publicado e não uma sebenta que não pode se

transformar em referência curricular para vocês. Acharam esquisito porque perderiam o número de papel sulfite. Igualmente ao Instituto, organizei uma revista para qualquer tipo de colaboração, a qual alcançou mais de cem números. Esta revista chamava-se Interfaces.

Um dos problemas mais sérios do Brasil é a descontinuidade das revistas, é por isso que eu fiz essa síntese para vocês. Para finalizar, eu queria dizer que a AGB tinha os anais de suas reuniões, muito bons, mas por influência do Boletim Paulista de Geografia, o Professor Aroldo de Azevedo fez questão de pensar em vários Boletins Regionais, então saiu o Boletim Carioca de Geografia, o Boletim Paranaense de Geografia que logo mudou para Boletim Paranaense de Geociências e em outros locais se tentou fazer Boletins sobre seu Estado ou região.

Tratei com vocês sobre a produção de revistas, porque em

países com cultura científica desigual como o Brasil, os que estão em Faculdades de Medicina, que tem tradição maior, alcançam um grau de atualidade necessário; na Geologia também acontece um pouco disso, as revistas estão sempre procurando refletir o que vai pelo mundo.

Mas na Geografia a coisa é séria porque o rol de sub-áreas que a Geografia precisa atender desde a Geografia Física Tradicional até a Biogeografia, a Geografia Humana Tradicional e a Modernizada, Geografia Econômica, Agrária... é um mundo interminável que, por sinal, só tem validade desde que haja interdisciplinaridade, unindo dois ou três desses campos como essência, e cruzando as informações necessárias para descobrir correlações e fazer ciência. Na Geografia o ato de fazer ciência depende muito da capacidade de interdisciplinaridade do pesquisador e por outro lado, isso depende também das vocações do pesquisador. Por exemplo,

fazendo Geografia Física se esquece de que os homens caminharam sobre o chão e são seres, espécies, subaéreas e não micro-orgânica do solo. Essa tendência em se especializar em alguns campos em detrimento total dos outros, impõe limites de análise.

Muitos pesquisadores conseguiram chegar a um elevado nível sociológico e filosófico, trazendo grandes contribuições à Geografia. Só que muitos quando chegam nesse nível sofisticam tanto a linguagem, que os alunos não conseguem entendê-la ou utilizam trechos daquela linguagem improdutivamente porque não conseguem sair daquelas palavras. Não é o caso de explicitar aqui que tipo de trabalho semi-filosófico ou semi-sociológicos são esses, que buscam uma linguagem extremamente sofisticada e que acabam ficando longe do alunado que está em fase de formação, e que portanto, tem um valor didático mínimo.

Geografia Física/ Geografia Humana: fatos e perspectivas

Muito cedo na minha vida fiquei encantado com o trabalho de campo. Li um trabalho de Pierre Denis que fez o volume sobre a América do Sul para Geografia Universal de Vidal de La Blache. No trabalho dele, de fim de vida, chamado *Le Jour e le métier* ele faz apologia do trabalho de campo do geógrafo, um livro extraordinário que eu ganhei de presente do professor Aroldo de Azevedo. Pierre Denis depois que escreveu esse volume sobre a América do Sul tornou-se mais economista do que geógrafo e foi para a Venezuela, fazendo um trabalho de economista extraordinário naquele país, valorizando o di-nheiro venezuelano.

Depois voltou para a França e acabou fazendo um resumo da vida dele de geógrafo e economista, administrador de economia nacional etc., o livro se cha-

ma *Le jour e le métier*, os dias e os trabalhos.

Então no começo da vida, ele discípulo dos grandes geógrafos franceses de sua época, como Vidal de La Blache; nos fala do trabalho solitário do geógrafo, passando por diferentes áreas e compartimentos de relevos, subindo encostas, o que considerava um trabalho solitário e isolado. Evidentemente, hoje a gente pode fazer isso em equipe porque tem muito mais jovens trabalhando na Geografia e sem aquela competitividade dura que tinha no começo do século entre os geógrafos formados pelas universidades européias que aliás perdura até hoje. Isso fez com que eu meditasse muito sobre o problema da Geografia Física, o problema da Geografia Humana e das outras geografias, a Regional por exemplo. Quando um Geógrafo físico tem a possibilidade de escrever fatos da face da Terra criticáveis nas Geociências e na Geologia, ele tem que ter uma for-

mação em um certo rol de disciplinas, por exemplo uma iniciação em Geologia, conhecimentos sobre rochas, sobre intemperismo, sobre a relação entre intemperismo e clima, pois os geólogos tratavam disso a muito tempo, embora não visando entender os espaços ecológicos sobre solos que é uma coisa importantíssima de ser estudada por geógrafos. A nomenclatura de solos, por exemplo, é extremamente variada, além disso as principais raízes de todas as ciências do solo, nasceram em climas mais frios e temperados e os problemas dos solos tropicais no seu posicionamento, face às questões morfoclimáticas, fitogeográficas são difíceis de serem entendidas. O geógrafo físico que não sabe o que é solo, clima, Geologia, Biogeografia, não fará ciência. Então, é esse rol que transforma o geógrafo predominantemente dedicado à fisiografia, em um cidadão capaz de falar sobre uma parte da ciência da Terra. Por

outro lado, tem a Geografia Humana, os homens nasceram em cima de setores de domínios da face da Terra mas tem as suas relações, a sua cultura, há diferentes níveis de valores: sociológicos, antropológicos, ecológicos, artísticos etc. A gente tem que conhecer a Antropologia Cultural, a Sociologia e a Economia. Resultado: a formação de um geógrafo humano vai depender da sua trajetória e incursão nas ciências do homem, desde a Antropologia até a Economia e nesse século até a Geopolítica. Então é um outro rol de disciplinas que não é dado à pessoa que, por exemplo, se dedicou à Geologia dos solos. Não posso pensar que o geógrafo físico tenha que fazer sedimentologia pura, nem que o geógrafo humano se dedique em demasia à Sociologia e muito menos que ele caia para uma Filosofia Social pura.

Parece-me o seguinte: eu tenho uma luz que se fixa nesse rol da esquerda (não tem nada a ver com a esquerda política),

do outro lado um rol que se fixa na direita, mas quando os dois focos ficam próximos, evidentemente tem uma faixa de interação da esquerda com a direita e da direita com a esquerda, aliás, nesse fim de século as coisas acabam sendo isso para não ser revolução. Talvez fosse preferível alguma revolução que mudasse mais as coisas. Na política isso é indesejável porque é impossível fazer mudanças sociais num capitalismo invasor e não humanitário. Mas na ciência, essa faixa de transição que cuida da face da Terra e do desenvolvimento do ser humano, das sociedades humanas e das tecnologias que essa sociedade criou ao longo do tempo e introduziu em cima daquilo que é o chão da Terra, (o solo, a vegetação) é fundamental. O homem fez depredações fantásticas para poder construir o seu espaço, que é representado pelos vários agro-ecossistemas e pelos ecossistemas urbanos. Então seria interessante divulgar

essa noção de que é pela necessidade de formação e de treinamento, que acabam existindo geógrafos físicos e humanos. Aí vem uma pergunta: será que o geógrafo físico precisa ser sempre fixado nesse foco? A resposta é não.

É conveniente lembrar que as diferentes matérias que constituem o ensino, tem um certo foco geral que acontece em todo tipo de educação. É preciso primeiro alfabetizar, eu sou daqueles que acha que a alfabetização pode ser rápida, pois as crianças têm capacidade para isso. A questão principal se refere à educação fundamental aí começa a recuperação de um pouco de tudo que se sabe, que é construído e inventado pelo homem, como a Matemática, a língua nacional algumas outras línguas (e a língua que agora tem mais trânsito internacional é o Inglês), depois vem a História, a Geografia, um pouco de Sociologia e nada de Antropologia Cultural, o que é muito gra-

ve, pois afinal temos que recuperar tudo aquilo que diz respeito ao homem, ao pensamento e à criação dos homens. A História é o tempo, via de regra se esquece da pré-história e quando vão falar sobre ela, dizem até coisas erradas, depois então vem a história antiga, a medieval a moderna e contemporânea, nisso tudo se está estudando o desenvolvimento e a evolução das sociedades humanas só que dão muita importância aos fatos e eventos, o que cria deformações sérias na recuperação da trajetória do homem na face da Terra. A Geografia tem essa dualidade básica de conhecimento: ela necessita entender os solos e subsolos, as grandes extensões topográficas, a compartimentação do relevo e necessita fazer incursões sobre o passado recente da história da Terra, da vegetação, da fauna que é percebida em parte pelo estudo da estrutura superficial da paisagem, os fósseis de animais que viveram até recentemente na

história do planeta e que desapareceram de alguns lugares mas sobram seus esqueletos. No Brasil isso tem muita importância, pois aqui podemos encontrar fósseis gigantes e com isso saber da penúltima parte da história da face da Terra que foi o período Pleistoceno, esse que teve glaciações e etc. e depois vem a tropicalização e a formação da floresta amazônica, a floresta atlântica, a transversal de formação aberta, a caatinga, o cerrado, as araucárias, pradarias mistas etc. Tudo isso é muito importante para ser colocado para as crianças em termos simples.

Quanto mais simples, mas sem perder a abrangência da história das paisagens, dos cenários, das ofertas de natureza, para diferentes grupos humanos, para o capitalismo que é muito mais agressivo do que as populações primárias, mais Geografia a gente pode fazer. A Geografia retrospectiva se preocupa com a política e com os eventos políticos administrativos e se es-

quece muitas vezes das realidades entre o tempo e os fatos do espaço total. No momento, nós não temos fotos do passado, do tempo em que aconteceram Revolução Francesa, colonização da América do Norte, mas os que nos sucederão em 100, 200, 500 anos vão ter as imagens representando o quadro atual de ocupação do mundo agrário e da extensão das cidades. Isso é uma coisa que a gente tem que pensar, eles vão ter a visualização daquilo que a gente tem hoje. Somos obrigados a construir abstrações sobre o que foi a pré história e praticar interdisciplinaridades simbólicas e simplificadas para que a imaginação da criança possa reter com mais facilidade para que isso possa servir para a vida inteira. Em países como o nosso, que tem uma área continental tão grande, se as pessoas não forem preparadas para entender esse território nas suas diferentes nuances físicas, de desenvolvimento da história dos grupos humanos, não vai

poder ser um governante bom, um político bom, um cientista bom. Então o Brasil pressupõe um conhecimento.

Por que ensinar e aprender Geografia

Estou lhes falando tudo isso porque neste fim de século a gente pôde fazer um balanço do conhecimento geográfico que as pessoas de responsabilidade têm. E elas não têm noção de escala, não têm noção de volume, não têm noção de uma Geografia da pobreza. Um campo que foi iniciado com muita percepção, por Josué de Castro, um dos pioneiros efetivos da Geografia brasileira que escreveu o livro Geografia da Fome. Ao escrever Geografia da Fome este autor tratou da miséria e, portanto, da Geografia da pobreza.

E aí surgem pessoas que pensam que com muito dinheiro resolvem o problema da pobreza, só que eles não sa-

bem que as pessoas em determinados lugares, determinadas famílias, têm uma determinada história relacionada com o lugar onde nascem.

Lugar, não no sentido de um nome qualquer, mas o lugar como um todo, as realidades do lugar, os erros e acertos. E por isso mesmo não é com dinheiro que se resolve totalmente as questões de pobreza, mas sim com boas idéias iniciais e recursos suficientes para gradualmente colocar aquelas idéias em dinâmica. A partir daí é possível criar situações bem melhores para a inserção de populações de diferentes áreas a um certo nível de vida com maior qualidade, com menos doenças, com mais atendimento de saúde e com uma educação que possa permitir às pessoas terem uma possibilidade de entender o seu lugar, o seu entorno, a sua região, a sua sub-região, para poder participar de uma sociedade complexa

e competitiva.

Educação para mim é a recuperação do conhecimento acumulado junto às crianças e adolescentes e tentar reeducar adultos quando for necessário. A recuperação do conhecimento acumulado seletivamente, segundo as faixas etárias da criança até o adulto, inclui o conhecimento da região, das suas possibilidades, da sua história, da maneira de ter um comportamento perante as matas, os rios, os solos e perante às vizinhanças. Para tornar possível a experiência com o conhecimento podemos realizar as oficinas. Oficina para mim, pode ser um terreno da escola, um local de discussão que permita compreender um outro tratamento espacial, uma oficina para a compreensão de uma natureza. Pensando nela, nos homens que nela vivem, na sociedade que ali está e no futuro de tudo isso: da Terra, dos homens e da sociedade.”